



Memórias do trabalho na Europa.

Memórias políticas da economia da Suíça

DOCUMENTÁRIO Nascido em Bagdad, em 1955, o realizador Samir aborda a saga dos trabalhadores migrantes na Suíça. O título é sugestivo: *A Prodigiosa Transformação da Classe Operária em Estrangeiros*.

Perante o lançamento de *A Prodigiosa Transformação da Classe Operária em Estrangeiros* (depois da passagem na Festa do Cinema Italiano), o menos que se pode dizer é que se trata de uma estreia capaz de ajudar os espectadores portugueses a descobrir um pouco do trabalho de Samir (nome artístico de Samar Jamal al Din). Nascido em Bagdad, em 1955, filho de pai iraquiano e mãe suíça, Samir tem uma história indissociável da sua dupla nacionalidade – é essa história que o filme reflete, transfigurada em saga da classe operária (acolhida e repelida) na Suíça, ao longo de décadas de convulsões inevitavelmente ligadas às transformações sociais e políticas de toda a Europa.

Num plano informativo, o filme pode ser visto como um exercício de reavaliação de memórias históricas. Dito de outro modo: a tradição política neutral de um país como a Suíça (mesmo reconhecendo que a palavra “tradição” não será a mais adequada para dar conta de tudo aquilo que faz a história de um país) leva muitas vezes a encará-lo como um território “mitológico” encerrado num esquema ideológico mais ou menos inalterável. Ora, tendo em conta a narrativa de Samir, o que está em jogo é muito diferente.

Através de memórias pessoais, com os respetivos materiais de arquivo, e também de imagens de origens muito diversificadas (fotografias, filmes, etc.), somos confrontados com os efeitos em cadeia de uma série de acontecimentos dramáticos. Na sua origem está o fim de uma cultura de solidariedade entre os trabalhadores suíços, desmantelada, durante a década de 1960, a partir da oposição (do governo e sindicatos suíços) a um acordo celebrado com Itália, procurando proteger os migrantes italianos na Suíça – como diz o título, passaram de “operários” a “estrangeiros”.

A estrutura do filme tem dificuldade em gerir a avalanche de informação que se tenta transmitir. De tal modo que a ininterrupta voz *off* esquece que “sobrepõe” às imagens a leitura de um ensaio, por mais elaborada que seja a sua análise, acaba por ser um recurso que menoriza a própria contextualização cinematográfica. Fica a pedagógica chamada de atenção para um período histórico de enorme complexidade política e económica, mas também a sensação de que, através de um simples resumo, as notas informativas do dossier de imprensa são mais esclarecedoras do que a “mensagem” do próprio filme.

J.L.



Arthur H: escutando as canções ciganas.

À procura das emoções e da sua música

TRADIÇÃO Tony Gatlif, francês nascido na Argélia, continua a celebrar a música e os valores da cultura cigana – estreado em Cannes, o filme *Ange* é o exemplo mais recente da sua viagem cinematográfica.

Como dar conta, em cinema, da música de raiz cigana? Eis uma pergunta que podemos relançar de modo abrangente: como ser fiel à pluralidade criativa e à riqueza expressiva da cultura Romani? A longa filmografia do realizador Tony Gatlif (francês, nascido na Argélia em 1948) é internacionalmente conhecida, e também consagrada, como uma das mais completas respostas a tais questões. Dois títulos poderão resumir tal vocação e também o respetivo reconhecimento: *Latcho Dorm* (1993) e *Exílios* (2004), ambos distinguidos no Festival de Cannes – o primeiro como melhor filme da secção “Un Certain Regard”, o segundo com o prémio de realização.

Também apresentado em Cannes (extra-competição, edição de 2025), *Ange* chega agora às salas portuguesas, convocando-nos para o mundo muito particular e enigmático da personagem que dá título ao filme. Interpretado por Arthur H (nome artístico de Arthur Higelin, cantor, compositor e criador multifacetado, nomeadamente como ator e ilustrador), Ange talvez se possa definir como um homem à procura das emoções que a sua vida foi atraindo e, não poucas vezes, adiando. Daí que os seus encontros sejam momentos tocados pela pudica variedade

de que o amor pode assumir: primeiro, com Georgina (Maria de Medeiros), figura cuja presença se mede também pela nostalgia que partilham; depois, Solea (Suzanne Aubert), a filha com que Ange quer retomar um diálogo que talvez nunca tenha acontecido; por fim, Marco (Mathieu Amalric), o amigo cuja cumplicidade o tempo terá decomposto... ou talvez não...

Tudo isto se cruza com a música, uma vez que Ange é um apaixonado da tradição cigana. Há mesmo um breve, mas eloquente, diálogo com Solea em que ele explica a dinâmica interior dessa música e o “sopro” que a anima. De que modo?

É o “sopro da vida, do amor, do desejo, da dor... e da provocação” – e Ange sorri como quem celebra os segredos de uma poesia muito íntima.

Daí que *Ange* (o filme e a personagem) aposte na celebração de uma liberdade definida, em termos esquemáticos, pela possibilidade de continuar a percorrer a “estrada da vida”. A expressão pode ser interpretada de forma lírica, mas envolve também o facto muito concreto de este ser um filme com algo de *road movie*. Dito de outro modo: uma viagem mais ou menos errante em que cada um tenta encontrar o sentido perdido de toda uma existência – falando, cantando e dançando.

J.L.